

O princípio dialógico da linguagem e a identidade alteritária do sujeito

pg 50-62

Wilder Kleber Fernandes de Santana¹

Resumo

Este trabalho analisa como Bakhtin e o círculo teceram os fundamentos para o princípio dialógico da linguagem e a identidade do sujeito, tanto em base filosófica (Bakhtin) quanto sociológica (Volóchinov e Medviédev). Após traçarmos brevemente as três tendências da concepção de linguagem, que circunscreveram as relações entre os sujeitos, apontamos como os estudiosos russos se posicionam contra a perspectiva formalista, para então, construir uma vertente da linguagem que prima pela interação verbal, pelo dialógico, em que o sujeito tem sua identidade discursiva construída através de seu(s) outro(s) nas fronteiras de seus dizeres. Com base nos estudos de Bakhtin e o círculo, nosso objetivo é articular suas principais produções teóricas (sujeito, linguagem, identidade), as quais nos permitam apresentar os pilares do dialogismo.

Palavras-chave: Princípio dialógico; Linguagem; Sujeito; Identidade.

THE DIALOGICAL PRINCIPLE OF LANGUAGE AND THE ALTERITARY IDENTITY OF THE SUBJECT

This paper analyzes how Bakhtin and the circle have laid the foundations for the dialogical principle of language and the identity of the subject, both philosophically (Bakhtin) and sociological (Volochinov and Medvedev). After briefly outlining the three tendencies in the conception of language that circumscribed the relations between the subjects, we point out how Russian scholars stand against the formalist perspective, and then construct a linguistic strand that emphasizes the verbal, dialogical interaction in which the subject has its discursive identity built through its other (s) at the borders of its utterances. Based on Bakhtin's studies and the circle, our objective is to articulate his main theoretical productions (subject, language, identity), which allow us to present the pillars of dialogism.

Keywords: Dialogical principle; Language; Subject; Identity.

Introdução

O presente artigo delimita, para realização de nossas propostas, as principais obras de Bakhtin e o círculo, para analisarmos como os teóricos russos teceram as bases da teoria dialógica da linguagem. Trata-se, portanto, de uma produção de cunho qualitativo-interpretativo.

Nosso enfoque de observação e análise epistêmica incide sobre as categorias: *dialogismo, linguagem e constituição do sujeito*. Faz-se importante, para inserção nos estudos contemporâneos em linguística e áreas afins, que os estudiosos compreendam as relações existentes entre sujeito e linguagem, esta concebida

¹ Mestre em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba. E-mail wildersantana92@gmail.com

numa perspectiva dialógica. Esse tipo de abordagem permite-nos observar os procedimentos de formulação do discurso no processo de sua tessitura.

O princípio dialógico propõe uma vertente de estudos que não concebe e nem analisa enunciados acabados, cuja significação está na imanência, como na perspectiva formalista. Ao contrário, adentra em produções filosófico-sociológicas ao tratar de materialidades enunciativas, cuja apreensão se dá na relação sujeito-linguagem no processo de enunciação (produto deste ato). Desse modo, nosso olhar estará para além das posições sócio-historicamente pré-determinadas que o sujeito ocupa em determinado espaço social, incidindo sobre a constituição de uma forma de subjetividade – autor – no processo de enunciação.

Para alcançar nosso objetivo, que é *articular as principais produções teóricas* (sujeito, linguagem, ideologia e interação verbal) *presentes nos escritos de Bakhtin e o círculo, as quais nos permitam apresentar os pilares do dialogismo*, vamos iniciar traçando brevemente as três tendências da concepção de linguagem, que circunscreveram as relações entre os sujeitos desde as concepções aristotélicas. Depois, realizaremos um estudo aprofundado das bases do princípio dialógico da linguagem, o que nos conduzirá a averiguar a importância da orientação dialógica da linguagem para Bakhtin. Em seguida, discutiremos sobre a identidade alteritária do sujeito.

Um breve percurso das tendências de concepção da linguagem

O percurso da historicidade filosófica humana, especificamente os questionamentos levantados desde o *Início da Civilização Ocidental ou Aurora da História* (cf. BURNS, 1979, p.14) traz consigo diversas maneiras de abordar a noção de língua(gem), e basta um pequeno olhar para percebermos algumas peculiaridades, e o porquê

esta tem sido alvo de tantos debates entre os cientistas da linguagem. Dos gramáticos gregos aos linguistas modernos, podemos perceber um ativismo gradativo nos estudos linguísticos, tanto de caráter teórico, quanto metodológico.

Cada esfera de fases pela qual atravessaram as pesquisas, acerca da linguagem humana, ateu-se a uma direcionalidade filosófica, com bases epistemológicas, e trouxe contribuições relevantes para, dentre outros motivos, ascender a linguística ao *status* de ciência-piloto das ciências humanas. Na primeira metade do século XX, pode-se contemplar uma verdadeira reviravolta no *fazer científico* dessa área, pois, foi nesse ínterim que a linguística alcançou pleno amadurecimento, despindo-se do rótulo de disciplina para alcançar o perfil de ciência.

Tendo em vista a gama de definições que se atribuiu à língua(gem) até meados do século XX, somos direcionados ao conceito de Volóchinov (2017 [1929]), ao afirmar que toda a consciência individual está impregnada de signos, e estes só emergem na relação entre os indivíduos, na interação entre os sujeitos. Portanto, para o autor russo, todo signo é social e só há consciência onde há signo. Nessa linha interpretativa, a consciência também é social: “A consciência se forma e se realiza no material sígnico criado no processo da comunicação social de uma coletividade organizada.” (VOLÓCHINOV, (2017 [1929], p. 97), assim, o signo é produto da interação entre duas consciências individuais.

Ao conceber a linguagem como um fenômeno social e fruto da interação humana, Volóchinov (2017 [1929]), se opõe a duas tendências linguístico-filosóficas de sua época, por ele designada como *objetivismo abstrato e subjetivismo idealista*. Na esfera da linguística, a primeira tendência tem Saussure (1857-1913) como seu maior representante, enquanto a segunda, Humboldt ([1769-1859], posto que as contribuições de Saussure estiveram para além dos limites da segunda tendência.

Saussure e Humboldt simbolizam duas grandes tradições do pensamento linguístico-filosófico que criaram raízes, desde os gregos pré-socráticos, em torno das reflexões sobre a linguagem: a primeira traz a língua como expressão do pensamento, e a posterior a arquitetura como instrumento de comunicação. Esses múltiplos horizontes da língua podem, a partir de uma perspectiva didática, formulada por Geraldini (1984), ser classificados em três grandes tendências, de acordo com os epítomes apresentados:

1) a língua como expressão/representação do pensamento; 2) a língua como instrumento/ferramenta de comunicação e, por fim, 3) a língua como forma de interação.

Após traçar um breve panorama de cada tendência, o nosso enfoque incidirá na terceira concepção de língua, pois é de nosso interesse particular evidenciar a linguagem como fenômeno interativo-dialógico.

A concepção de linguagem *como expressão do pensamento*, tem fundamentação na ótica de Perfeito (2005), na tradição gramatical grega, passando pelos latinos, atravessando a Idade Média e Moderna, tendo ruptura efetiva apenas no início do século XX, com Saussure. De acordo com a autora, esta é considerada a visão primeira de linguagem, vez que surge a partir dos estudos de Dionísio de Trácia (século II a.C.), responsável por elaborar a primeira gramática ocidental e por nortear o certo e o errado no uso da língua. Para essa concepção,

as pessoas não se expressam bem porque não pensam. A expressão se constrói no interior da mente, sendo sua exteriorização apenas uma tradução. A enunciação é um ato monológico, individual, que não é afetado pelo outro nem pelas circunstâncias que constituem a situação social em que a enunciação acontece. (TRAVAGLIA, 1996, p. 21).

Assim, observamos que, na mente do indivíduo, primeiramente, há a enunciação e depois a linguagem, fazendo dela uma atividade

monológica e individualista (SILVA; COX, 2002). Com isso, segundo Volóchinov (2017 [1929]), demarca-se a visão de subjetivismo idealista, em que as leis da criação linguística são essencialmente as da psicologia individual, induzindo a enunciação a trilhar o percurso do interior para o exterior, interditando os fatores externos à comunicação, a exemplo do interlocutor. A língua é concebida, assim, como um “produto pronto (*“ergon”*)², como um sistema linguístico estável (dotado de vocabulário, gramática, fonética), representa uma espécie de sedimentação imóvel, de lava petrificada da criação linguística...”.

Essa concepção traz forte influência do pensamento racionalista do século XVII, com estudos pautados em René Descartes (1596-1650), o que o levou a compreender a natureza da língua como algo racional e lógico. Dessa forma, a língua serviria para expressar, ainda que de forma imperfeita, o pensamento. Essa maneira de pensar influenciou a escola de Port-Royal, cuja Gramática reflete o trabalho desenvolvido desde os gregos e latinos, que nos deixaram como legado a Gramática tradicional que temos até hoje. Recentemente, em mesma escala, encontramos a linguística gerativa de Noam Chomsky, a qual busca discutir a relação entre a linguagem e o pensamento/mente.

Na segunda concepção, *em que a linguagem é conceituada como instrumento de comunicação*, a língua “é vista como um código, ou seja, um conjunto de signos que se combinam segundo regras e que é capaz de transmitir uma mensagem, informações de um emissor a um receptor” (TRAVAGLIA, 1996, p. 22). Desse modo, analisa-se uma interligação entre os elementos comunicativos, em que o falante deseja transmitir uma mensagem a um ouvinte e, assim, coloca-a “em código (codificação) e a remete para o outro através de um canal (ondas

² Em grego, no original, *érgon*, “obra”, “produto” (Nota de Sheila Grillo).

sonoras ou luminosas). O outro recebe os sinais codificados e os transforma de novo em mensagem (informações). É a decodificação” (TRAVAGLIA, 1996, p. 22-23). Portanto, nessa concepção, a linguagem é concebida como uma ferramenta, cuja função é transmitir uma mensagem.

Postula Volóchinov (2017 [1929], p. 162) que, nessa orientação, “a língua é um sistema estável e imutável de formas linguísticas normativas e idênticas, encontrado previamente pela consciência individual e indiscutível para ela”. Em outras palavras, é fechada, imanente, cujas leis são específicas e objetivas, sem que haja qualquer encontro entre o seu sistema e a sua história. Nos termos de Voloshinov, a respeito da língua:

Na verdade, ela não é transmitida; ela é continuada, mas como um processo de formação ininterrupto. Os indivíduos não recebem em absoluto uma língua pronta; eles entram nesse fluxo da comunicação discursiva; ou mais precisamente, é nesse fluxo que a sua consciência se realiza pela primeira vez. (VOLÓCHINOV, 2017 [1929], p. 198)

Bakhtin (1993 [1920-1924]), 2006 [1979]), Volóchinov (2017 [1929]) e Medviédev (2016 [1928]), se situam em uma *terceira vertente*, que compreende a língua como forma de interação entre os sujeitos socialmente organizados e historicamente situados. É a perspectiva dialógica que está vinculada no nosso trabalho. Cabe salientar que as propostas dos dois últimos estudiosos constituem uma compreensão de linguagem de teor mais sociológico.

Que é o princípio dialógico da linguagem?

Na ótica de Volóchinov (2017 [1929]), a linguagem é uma prática que tem sua situação histórica e social concreta no momento da atualização dos enunciados. Além disso, tal concepção de linguagem é centrada nos interlocutores, apresentando, dessa forma, seu caráter ativo no ato verbal em

que o discurso é produzido. Trazendo a assertiva de que “a enunciação é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados” (VOLÓCHINOV, 2017 [1929], p. 206), todo e qualquer texto, seja ele verbal ou não-verbal, tem uma natureza social interativa, pois quem o produz tem uma intenção comunicativa.

No início dos escritos de Bakhtin, em *Para uma Filosofia do Ato*, na década de 1920, Bakhtin traz pela primeira vez seu pensamento acerca da conceituação de linguagem, aplicada aos atos humanos:

Eu penso que a linguagem está muito mais adaptada a enunciar precisamente essa verdade, e não o momento abstrato da lógica em sua pureza. Aquilo que é abstrato, em sua pureza, é de fato não enunciável: qualquer expressão é muito concreta para o puro significado – ela distorce e ofusca a pureza e validade-em-si do significado. É por isso que no pensamento abstrato nós nunca compreendemos uma expressão em seu pleno sentido. (BAKHTIN, 1993 [1020-1924], p. 49).

Assim, entendemos que o discurso só ganha vida na forma de enunciações concretas de determinados falantes, os sujeitos do discurso. Não há um significado pleno para a linguagem, uma significação pura, que a distingue das demais manifestações comunicativas – ou até mesmo a essencialize. Ao contrário de um panorama abstrato, os enunciados concretos ocorrem a partir da alternância dos sujeitos dos discursos, e isto se dá porque o sujeito termina seu enunciado para passar a palavra ao outro, tornando-se um ser responsivo e participativo por tudo o que enuncia. Torna-se, assim, um agente produtor de sentidos dos discursos produzidos socialmente em situações concretas. Assim,

Historicamente, a linguagem cresceu a serviço do pensamento participativo e dos atos realizados, e começa a servir o pensamento abstrato apenas em nossos dias³. A expressão, do interior, de um ato realizado, e a expressão do Ser-evento único e unitário no qual esse

3 Lembre-se de que, com a expressão “em nossos dias”, o filósofo russo faz referência à primeira metade do século XX, especificamente pautando-se nas produções filosófico-científicas daquele cenário histórico-cultural.

ato é realizado, requerem a inteira plenitude da palavra: seu aspecto de conteúdo (a palavra como conceito) tanto quanto seu aspecto palpável expressivo (a palavra como imagem), e seu aspecto emocional-volitivo (a entonação da palavra) em sua unidade. E em todos esses momentos a palavra plena unitária pode ser responsabilmente válida, isto é, pode ser a verdade [*pravda*] em vez de alguma coisa subjetivamente fortuita. (BAKHTIN, 1993 [1920-1924], p. 49).

Na perspectiva de Bakhtin, a língua passa a ser conceituada como instância de interação entre sujeitos sócio-historicamente situados. O pensamento participativo traz consigo o pressuposto de que há duas consciências que dialogam, e a palavra é plenificada na expressão do Ser-evento único e unitário que, ao enunciar, já dirige para outro e por causa de outro. Para alguns adeptos dessa linha de segmento (Sobral, Faraco Francelino), os sujeitos, ao falarem, não apenas expressam sua cognição ou o fazem com propósitos comunicativos, mas, sobretudo,

agem uns sobre os outros e produzem pontos de vista (posições axiológicas de sujeito). A língua é concebida como um sistema de formas em funcionamento, constituída por fatores externos como o contexto sócio-histórico, a posição ideológica dos sujeitos falantes, enfim, os elementos linguísticos, que já vêm saturados pelas posições sócio-axiológicas de outrem, estão à disposição do sujeito para a produção dos mais diversos efeitos de sentido. (FRANCELINO, 2007, p. 34)

Para a constituição de nosso corte metodológico, é necessário pontuarmos a importância dos estudos desenvolvidos a partir do século XX, posto que Bakhtin/Volóchinov construíram sua teoria dialógica do discurso a partir das correntes linguísticas hegemônicas nessa época.

Natureza dialógica da consciência, natureza dialógica da própria vida humana. A única forma adequada de expressão verbal da autêntica vida do homem é o diálogo inconcluso. A vida é dialógica por natureza. Viver significa participar do diálogo: interrogar, ouvir, responder, concordar, etc. Nesse diálogo o homem participa inteiro e com toda a vida: com os olhos, os lábios, as mãos, a alma, o espírito, todo o corpo, os atos. Aplica-se totalmente na palavra, e essa

palavra entra no tecido dialógico da vida humana, no simpósio universal. (BAKHTIN, 2006 [1979], p. 348).

A natureza dialógica da linguagem, como definição teórica, desempenha papel importantíssimo nas obras de Bakhtin e o Círculo. Nos anos áureos do filósofo, somos levados à concretude de uma filosofia que se expande na percepção-para-além de sua produção inicial dos anos 20, por exemplo, o que podemos verificar em *Freudismo*, quando reage criticamente tanto ao psicologismo idealista imperante na Alemanha quanto ao positivismo que vigorava em grande parte da Europa. Outra recorrência se averigua em seu texto inacabado *Para uma filosofia do Ato responsável*⁴. Assim, dada a noção de monologismo, por Bakhtin, como “discurso que não se dirige a ninguém e não pressupõe resposta” (2006, p. 323), retornamos às vozes e aos ecos⁵ filosóficos deste estudioso russo no contexto inicial de sua produtividade:

O homem contemporâneo sente-se seguro de si, próspero e inteligente, quando ele próprio não está essencialmente e fundamentalmente presente no mundo autônomo de um domínio da cultura e de sua lei de criação imanente. Mas ele se sente inseguro, deficiente e destituído de compreensão, quando se trata dele mesmo, quando ele é o centro emissor de atos ou ações responsáveis na vida real e única. Isto é, nós agimos com segurança apenas quando o fazemos não como nós mesmos, mas como alguém possuído pela necessidade de significado imanente de algum domínio da cultura. (BAKHTIN, 1993 [1920-1924], p. 38).

4 Para Michael Holquist, em prefácio à edição americana “Toward a Philosophy of the Act” (Austin: University of Texas Press, 1993), “Para uma filosofia do Ato é em si um exemplo do que Bakhtin está procurando compreender. Sua ação tinha um significado para ele como um ser único da segunda década deste século sombrio; mas a possível camada de subjetividade que o ato constituía se justifica através da ressonância que ele tem em um tempo diferente e em um lugar diferente” – ecos da cronotopiabakhtiniana. Paralelo a isso, Vadim Liapunov (Prefácio do tradutor da edição Americana) trará que se trata de “uma tradução de um ensaio filosófico inacabado de M. M. Bakhtin (1895-1975) que foi publicado na Rússia em 1986 por S. G. Bocharov sob o título de *K filosofii postupka*.”

5 Com “ecos” entendemos o ressoar de outras vozes, ou até mesmo os atravessamentos polifônicos constituintes do discurso bakhtiniano, como Kant (1727-1804) ou Cassirer (1874-1945).

Dado que a consciência individual humana, imbuída no eu-para-mim, faz um trajeto – descrição de auto-sensações internas e de auto-expressividade – de “meu pensamento, inteiramente puro e irrepreensível e totalmente justificado de ponta a ponta” (BAKHTIN, 1993, p. 38), conseqüentemente, o sujeito dessa ação estará em um plano fechado, acabado em si mesmo.

O monologismo nega ao extremo, fora de si, a existência de outra consciência isônoma e isônimo-responsiva, de outro eu (tu) isônimo. No enfoque monológico (em forma extrema ou pura), o outro permanece inteiramente apenas objeto da consciência e não outra consciência. O monólogo é concluído e surdo à resposta do outro, não o espera nem reconhece nele força decisiva. Passa sem o outro e por isso, em certa medida, reifica toda a realidade. Pretende ser a última palavra. Fecha o mundo representado e os homens representados. (BAKHTIN, 2006 [1979], p. 348).

Nesse itinerário discursivo, “todos esses contextos e possibilidades de dar sentido estão por si mesmos flutuando num espaço peculiarmente sem ar, e não estão enraizados em nada, nem em alguma coisa unitária, nem em alguma coisa única.” (BAKHTIN, 1993 [1020-1924], p.38).

Em contrapartida à conceituação de monólogo, para Volóchinov (2017 [1929]), o que organiza a enunciação – atos de fala dos sujeitos – não é nem o interior subjetivo, com sua consciência individual, nem o aspecto interno do sistema linguístico, mas o exterior, o social. O pensamento não existe distante de sua expressão potencial, nem povoando as margens da orientação social dessa expressão. Desse modo, “Toda compreensão é dialógica” (VOLÓCHINOV, 2017 [1929], p.232).

Essas cadências discursivas propõem que a evolução da língua acontece a partir da interação social. Bakhtin e o Círculo⁶ discordam do fato de ser

⁶ Quanto à expressão “Círculo de Bakhtin”, faz referência a um grupo de intelectuais que se reuniu com frequência entre 1919 e 1929 em cidades russas, como Nevel, Vitebsk e São Petersburgo para debater sobre ideias e propostas filosóficas. Constituíam-se por pessoas de áreas diversificadas e profissões distintas, dentre os quais se destacam Mikhail M. Bakhtin, Valentin N. Volochinov e Pavel N. Medvedev. Outros integrantes eram Matvei I. Kagan, Ivan I. Kanaev, Maria V. Yudina e Lev. V. Pumpianski.

a enunciação um ato individual, pois ela é também social: no instante em que fala, o locutor não apenas age, mas interage. A enunciação é sempre direcionada a alguém e esse alguém pode ser uma outra pessoa ou um conjunto amplo de indivíduos: não há enunciação estritamente individual, pois ela é fruto de uma interação social.

Esse é o princípio dialógico da linguagem, constituído na interação humana, que conduzirá Bakhtin a pensar (ativamente) seu conceito de dialogismo em contraposição à concepção monológica da enunciação. Para o estudioso, um dos problemas da filosofia da linguagem é pensar a enunciação como um ato monológico, como um ato-linguagem da consciência de um indivíduo *sem que haja a interferência de outros sujeitos e de outros discursos*.

Assim, em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, Volóchinov refuta essas concepções, declarando que a palavra é sempre dirigida a uma outra palavra, um indivíduo sempre se dirige a outro(s) indivíduo(s), que não é/são passivo(s), mas responsivo(s) e constitutivo(s) do ato de enunciação de outrem. Além de a interação verbal constituir a realidade fundamental da língua, com relação ao enunciado, “A totalidade é determinada pelas fronteiras que se encontram na linha de contato desse enunciado com o meio extra-verbal e verbal (isto é, com outros enunciados)” (VOLÓCHINOV, 2017 [1929], p. 221).

Cabe, ainda, mencionar que a palavra *interação*, no âmbito dos estudos do Círculo de Bakhtin, não se restringe à relação face a face entre dois indivíduos. Para deixarem claros seus posicionamentos, Volóchinov (2017 [1929]) apresenta ideias segundo as quais, tomado o termo diálogo em seu sentido estrito (aquele em que duas pessoas se comunicam face a face ou no caso de dois personagens que dialogam entre si em um conto), há percepção de uma das formas importantes de interação verbal. Porém, para essa

especificidade, o conceito de interação não corresponde ao que o formalismo propõe.

O termo diálogo, ao ser valorado em um sentido mais amplo, estaria presente em todo tipo de comunicação, incluindo aí a conversa face a face. Ao exemplificar um livro como um discurso verbal impresso, o estudioso russo esclarece que “o discurso escrito participa de uma de uma espécie de discussão ideológica em grande escala: ele responde, refuta ou confirma algo, antecipa as respostas e críticas possíveis, busca apoio e assim por diante.” (VOLÓCHINOV, 2017 [1929], p. 219). É este tipo de conduta interacional estabelecida *empaticamente* entre os discursos/enunciados que o círculo designará relação dialógica.

As raízes responsivo-ativas formuladas por Bakhtin acerca do dialogismo podem ser encontradas nos postulados da Filosofia do Ato, por exemplo, quando afirma que a alteridade é constitutiva do Ser em seu lugar único. “Esta é a ação que faz o ser dele mais completo, a ação que é absolutamente proveitosa e nova, e que só é possível por mim. Essa ação produtiva única é precisamente o que constitui o seu momento do dever”. (BAKHTIN, 1993 [1920-1924], p. 59-60).

Nesse panorama de uma *dialética do movimento filosófico* (da linguagem), em *Estética da Criação Verbal*, dentre outros, – Bakhtin aborda acerca das relações dialógicas, ao afirmar que “são relações (semânticas) entre toda espécie de enunciados na comunicação discursiva”. (2006 [1920-1924], p.323) Assim, dois ou mais enunciados, quaisquer que sejam, se forem confrontados em um plano de sentido (não como objetos e não como exemplos linguísticos), resultarão em relação dialógica.

O dialogismo, na perspectiva dos integrantes do Círculo, é considerado o princípio constitutivo da linguagem, em sua dimensão concreta, viva, real. Nesta perspectiva, segundo Sobral (2009, p. 32),

essa concepção é chamada de dialógica porque propõe que a linguagem (e os discursos)

têm seus sentidos produzidos pela presença constitutiva da intersubjetividade (a interação entre subjetividade) no intercâmbio verbal, ou seja, as situações concretas do exercício da linguagem. (SOBRAL, 2009, p. 32)

Ao considerarmos a relação entre Bakhtin e o círculo, pode ser mencionado, por exemplo, que Pavel N. Medviédev ao publicar, em 1928, *O método formal nos estudos literários*, apresenta uma série de críticas ao formalismo europeu, sobretudo o formalismo russo. Uma das questões centrais da obra é que Medviédev acentua que a linguagem poética formalista tende ao *niilismo* artístico (2016 [1928]). Nesse contexto, o que interessa ao autor não é o linguístico em si, o entrecruzamento extra-verbal que se dá apropriação do linguístico que, o que caracterizaria, de fato, a linguagem poética russa. Nessa linha interpretativa, faz-se imprescindível analisar os apontamentos realizados por Medviédev (2016 [1928], p. 49-50), para quem

Todos os atos individuais participantes da criação ideológica são apenas os momentos inseparáveis dessa comunicação e são seus componentes dependentes e, por isso, não podem ser estudados fora do processo social que os compreende como um todo. O sentido ideológico, abstraído do material concreto, é oposto, pela ciência burguesa, à consciência individual do criador ou do intérprete... Cada produto ideológico e todo seu “significado ideal” não estão na alma, nem no mundo interior e nem no mundo isolado das ideias e dos sentidos puros, mas no material ideológico disponível e objetivo, na palavra, no som, no gesto, na combinação das massas, das linhas, das cores, dos corpos vivos, e assim por diante.

De acordo com Medviédev, é impossível a existência da ideologia se houver separabilidade entre o processo cultural (meio sócio-ideológico) e o objeto. Enquanto signo, jamais pode ser avaliado longe de sua realidade sócio-histórica, das vozes que o atravessam.

Assim, Volóchinov (2017 [1929], p. 148-149), ao tratar da língua em sua natureza real/viva, considera que esta não é um sistema abstrato de formas linguísticas (fonéticas, gramaticais e lexicais), mas a entende a partir desses elementos

linguísticos num contexto concreto preciso, numa enunciação particular.

Para o teórico supracitado, decorrem as seguintes proposições:

1. *A língua como sistema estável de formas normativas e idênticas é somente uma abstração científica produtiva apenas diante de determinados objetivos práticos e teóricos. Essa abstração não é adequada à realidade concreta da língua.*
2. *A língua é um processo ininterrupto de formação, realizado por meio da interação sociodiscursiva.*
3. *As leis da formação da língua não são, de modo algum, individuais e psicológicas, tampouco podem ser isoladas da atividade dos indivíduos falantes. As leis da formação da língua são leis sociológicas em sua essência.*
4. *A criação da língua não coincide com a criação artística ou com qualquer outra forma de criação especificamente ideológica. No entanto, ao mesmo tempo, a criação linguística não pode ser compreendida sem considerar os sentidos e os valores ideológicos que a constituem. A formação da língua, como qualquer formação histórica, pode ser percebida como uma necessidade mecânica cega, porém também pode ser uma “necessidade livre” ao se tornar consciente e voluntária.*
5. *A estrutura do enunciado é uma estrutura puramente social. O enunciado como tal existe entre os falantes. O ato discursivo individual (no sentido estrito do termo “individual”) é um contradictio in adjecto (VOLÓCHINOV, 2017 [1929], p. 225).*

Neste viés interpretativo, diferentemente de Saussure (e dos que se vinculam à perspectiva do objetivismo abstrato), que desconsidera a fala e apenas vê a língua como um sistema fechado de formas normativas imutáveis, Bakhtin e o círculo valorizam o aspecto social da fala, a qual está intimamente ligada à enunciação, abordando a intersubjetividade e, conseqüentemente, a interação verbal. Ou seja, são as situações concretas e reais na esfera comunicativa de interação que determinarão o aspecto e o sentido de toda a palavra direcionada, dirigida, lançada. Para Bakhtin,

É original a natureza das relações dialógicas. A questão do dialogismo interior. O limiar das fronteiras entre os enunciados. A questão da palavra bivocal. A compreensão como diálogo. Aqui chegamos ao extremo da filosofia da linguagem e do pensamento das ciências humanas, em geral, às terras virgens. (BAKHTIN, 2006 [1979], p. 325)

A partir dessas considerações acerca da noção de linguagem, torna-se explícita a necessidade de que haja o diálogo Eu/Outro. A conceituação do dialogismo como um ativismo do diálogo integra a atividade dinâmica entre Eu e Outro em uma esfera cronotópica socialmente organizada e em interação discursiva. “A dialética nasceu do diálogo para retornar ao diálogo em um nível superior (o diálogo de *indivíduos*)”. (BAKHTIN, 2006 [1979], p. 401). Compreende-se como um movimento dialético a explicar o homem, *vir-a-ser*, (in)acabado por si mesmo, acabado pelas pelo Outro, que o enforma.

Bakhtin e a orientação dialógica da palavra

Recuperando, heterocientificamente⁷ (cf. BAKHTIN, 2006 [1979], p. 400) o diálogo do cognoscente ou “o ativismo dialógico do sujeito cognoscível e seus graus” (BAKHTIN, 2006, p. 400), compreendemos “Cada palavra (cada signo) do texto leva para além dos seus limites. Toda interpretação é o correlacionamento de dado texto com outros textos. O comentário. A índole dialógica desse correlacionamento”. (BAKHTIN, 2006 [1979], p. 400). Engendram-se fases do movimento dialógico da interpretação: “O dialogismo do nosso pensamento sobre obras, teorias, enunciados, em geral, do nosso pensamento sobre os homens”. (BAKHTIN, 2006 [1979], p. 326).

Afirma o filósofo russo que “Apenas o Adão mítico que chegou com a primeira palavra num mundo virgem, ainda não desacreditado, somente este Adão poderia evitar essa mútua orientação dialógica do discurso para o objeto”. (BAKHTIN, 2010, p.88). Fora do mito, todo discurso promove

⁷ Este termo é trazido para fazer menção à heterocientificidade do lugar da filosofia, que pode ser definida como metalinguagem de todas as ciências (e de todas as modalidades de conhecimento e consciência).

uma ressacralização de outros discursos que já falaram sobre o mesmo objeto, enunciados de apreciação, desvalorização ou iluminação de consciências (sob consciências).

[...] o discurso vivo e corrente está imediata e diretamente determinado pelo discurso-resposta futuro: ele é que provoca esta resposta, presenteia e baseia-se nela. Ao se construir na atmosfera do “já-dito”, o discurso é orientado ao mesmo tempo para o discurso-resposta que ainda não foi dito, discurso, porém, que foi solicitado a seguir e que já era esperado. Assim é todo diálogo vivo (BAKHTIN, 2010 [1934-1935], p. 89).

Isso faz com que se desencadeie uma pequena reflexão acerca da noção de gênero. No percurso discursivo de Bakhtin (2006 [1979], p. 261-262), “Todos esses três elementos – o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional – estão indissolivelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação”. Assim, compreendemos que, sendo a língua concretizada em forma de enunciados – orais e escritos –, são estes que refletem as condições específicas e as finalidades de cada campo da atividade humana. Nesta construção teórica, para Bakhtin (2006, p. 262), por mais que o enunciado particular seja individual, é cada campo de utilização da língua que compõe seus tipos relativamente estáveis de enunciados, por sua vez denominados de *gêneros do discurso*. (Grifos do autor).

É inegável a percepção nítida da riqueza e da diversidade dos gêneros do discurso, assim como o inesgotamento de suas múltiplas esferas, estamos assegurando a sua extrema heterogeneidade, conforme o próprio Bakhtin aponta: “Cabe salientar em especial a extrema heterogeneidade dos gêneros do discurso (orais e escritos), nos quais devemos incluir as breves réplicas do diálogo cotidiano...”. (2006 [1979], p. 262). Nesse vetor axiológico,

A orientação dialógica é naturalmente um

fenômeno próprio a todo discurso. Trata-se de uma orientação natural de todo discurso vivo. Em todos os seus caminhos até o objeto, em todas as direções, o discurso se encontra com o discurso de outrem e não pode deixar de participar, com ele, de uma interação viva e tensa. (BAKHTIN, 2010 [1934-1935], p.88)

Ao reenunciarmos que um texto sempre dialoga com outro texto, compreendemos a linguagem como o meio de interação comunicativa pela qual se estabelece a produção de efeitos de sentidos entre interlocutores (em uma dada situação comunicativa e em um contexto sócio-histórico e ideológico). Assim, podemos conceituar os *gêneros discursivos* como fenômenos históricos, profundamente unidos à vida cultural e social, que cooperam no processo de concretização das atividades comunicativas. Então, não como coisificação do sentido, mas como o ato-compreensão, chegamos a um resultado.

A compreensão estreita do dialogismo concebido como discussão, polêmica, paródia. Estas são formas externas mais evidentes, porém grosseiras do dialogismo. A confiança na palavra do outro, a aceitação reverente (a palavra autoritária), o aprendizado, as buscas e a obrigação do sentido abissal, a *concordância*, suas eternas fronteiras e matizes (mas não limitações lógicas nem ressalvas meramente objetais), sobreposições do sentido sobre sentido, da voz sobre a voz, intensificação pela fusão (mas não identificação), combinação de muitas vozes (um corredor de vozes), a compreensão que completa, a saída para além dos limites do compreensível, etc. Estas relações específicas não podem ser reduzidas nem a relações puramente lógicas, nem meramente objetais. Aqui se encontram posições integrais (o indivíduo não exige uma revelação intensiva, ela pode manifestar-se por em um som único, em uma única palavra), precisamente as vozes. (BAKHTIN, 2006, p. 327, grifos nossos).

O dialogismo, em processo de outrificação nas Ciências Humanas, consiste em um confronto de entonações entre os sujeitos, sob sistemas axiológicos que posicionam as mais variadas visões de mundo dentro de um terreno de visão (possível).

As fronteiras do diálogo propiciam vários pontos de vista, que, por sua vez, enformam

valorações centrífugas. “Por sua precisão e

simplicidade, o diálogo é a forma clássica de comunicação discursiva”. (BAKHTIN, 2006 [1979], p. 275). Nesse direcionamento, compreende-se que as ideias de Bakhtin acerca do ser humano e da linguagem são sacralizadas por relações dialético-dialógicas, o que pressupõe o ativismo humano.

A identidade alteritária do sujeito

As proposições de Bakhtin e o círculo engendram o sujeito agente como um elemento de extrema importância, pois o enxergam não apenas como aquele que realiza uma ação para adquirir aquela “realidade moral única e unitária como momento constituinte dela” (BAKHTIN, 1993 [1920-1924], p. 20), mas que também produz um “pensamento participativo”⁸(BAKHTIN, 1993 [1920-1924], p. 26), que media a relação entre o ato (em geral) e os atos particulares, *instância-vetor* em que este não pode ser separado de sua unicidade historicamente valorativa.

Ao tratarem da relação entre cultura e vida, Bakhtin (1993 [1920-1924]) e Medviédev (2016 [1928]) propõem a indivisibilidade entre esses dois mundos, assim como era comum nas ciências naturais, filosofia da vida e estética formalista. O sujeito, enquanto *ser aberto e unitário*, pode ser formador do conteúdo-sentido abstrato do ato-ação. Porém, só pode sê-lo em um ser transgrediente à vida-morte-processo: “não é aquele Ser único no qual nós vivemos e morremos, no qual se realizam nossos atos ou ações responsáveis; ele é fundamentalmente e essencialmente alheio à historicidade viva”. (BAKHTIN, 1993 [1920-1924], p. 26).

Então, por identidade alteritária compreendemos o processo de constituição desse sujeito que, segundo a concepção dialógica, na medida em que se constitui a partir do outro,

também o constitui. É por meio da alteridade que ocorre a interação, diálogo entre no mínimo duas consciências. (BAKHTIN, 2006 [1979]).

Quando o sujeito se engaja no discurso, (re) constrói sua identidade. Ele está, ao mesmo tempo em que se configura identitariamente, considerando o discurso do outro (ainda que discorde totalmente das opiniões alheias), visto que o sujeito ocupa na sociedade múltiplas identidades, pois está sempre em contato com diferentes interlocutores. Assim, por exemplo, ora o sujeito assume a identidade de político, ora de religioso, ora de professor e assim por diante. Então, a identidade do sujeito é compreendida como uma construção socialmente organizada por meio dos discursos.

Para Sobral (2009, p. 26), “as práticas supõem grupos humanos, não sujeitos isolados”. Logo, cada ato realiza-se mediante diálogos entre consciências concretas. Essa responsividade/responsabilidade ética do(s) sujeito(s) é confirmada, por exemplo, quando Bakhtin promove a encarnação do não-álibi na existência, ou melhor, quando diz que “viver a partir de si não significa viver para si, mas significa ser, a partir de si, responsabilmente participante, afirmar o seu não-álibi real e compulsório no existir” (BAKHTIN, 2006, p. 108), pois cada ato-sujeito é constituinte de sua responsabilidade.

Conforme Faraco (2011, p. 25),

Por tudo isso, a ética bakhtiniana tem lá suas radicalidades: por ser único, por ninguém ocupar ou poder ocupar o lugar que ocupo, não tenho álibi para a existência – diz Bakhtin em Para uma filosofia (2010, p.96). Ou seja, eu não posso não agir, eu não posso não ser participante da vida real. Na vida, sou insubstituível e isso me obriga a realizar minha singularidade peculiar: tudo o que pode ser feito por mim não poderá nunca ser feito por ninguém mais, nunca. Assim, o dever encontra sua possibilidade originária lá onde reconheço a unicidade da minha existência e tal reconhecimento vem do meu próprio interior – lá onde assumo a responsabilidade da minha unicidade.

A respeito do sujeito, conforme Sobral (2009, p. 56), “ele não age sozinho, mas não deixa

⁸ Esse pensamento participativo, na ótica de Bakhtin, é o que tem predominância em todos os grandes sistemas de filosofia, “ou conscientemente e distintamente (em especial na Idade Média), ou de uma forma inconsciente e mascarada (nos sistemas dos séculos XIX e XX).” (1993, p. 26).

de ser ele mesmo, nas várias ‘posições-sujeito’, nos diferentes papéis que assume diante de diferentes interlocutores”. Em outras palavras, podemos dizer que o sujeito do discurso ocupa um lugar social a partir de onde enuncia, e é este lugar, compreendido como lugar do religioso, do sexólogo, do político, do docente, do publicitário, por exemplo, que determina o que ele pode ou não dizer a partir dali. Em todo o tempo, mediante as escolhas que faz, o sujeito é perpassado por forças que o conduzem, sejam as centrípetas (que o impulsionam ao centro do agir) ou as centrífugas (as quais lhe abrem horizontes de deslocamentos): “Cada enunciação concreta do sujeito do discurso constitui o ponto de aplicação seja das forças centrípetas, como das centrífugas.” (BAKHTIN, 2010 [1934-1935], p.82).

Esse sujeito, a partir do instante em que ocupa o interior de uma esfera social, é dominado por uma determinada ideologia, em que “... ao lado da centralização verbo-ideológica e da união caminham ininterruptos os processos de descentralização e desunificação” (BAKHTIN, 2010 [1934-1935], p.82). Esta, por sua vez, estabelece previamente as possibilidades de sentido de seu discurso. Vale salientar, por fim, que este sujeito não está submetido à sociedade nem à história como um fantoche. Não age submetido a elas totalmente, nem tampouco de si para si, mas torna-se um agente mediador inserido na sociedade e na história, em processo, um *vir-a-ser*.

No processo de identificar-se alteritariamente, cada ato do sujeito é único, singular. Embora compartilhe com todos os outros uma dada estrutura de conteúdo, ou seja, esteja na base do social, mas seus atos são singulares. É desse modo, entre a singularidade e a universalidade; o pessoal e o social; o produto e o processo que se concretiza o papel do sujeito, de ser um agente responsável por si e *por meio de* outros. Esse sujeito é inescapável, não possui um alibi na existência, e por isso é responsável.

A concepção de sujeito, para o Círculo, consiste em que este assume um caráter de *responsabilidade/responsividade* e de *participatividade*, que institui um aspecto responsivo do agente pelo seu ato. Este aspecto envolve o conteúdo e um dado processo por meio da valoração/avaliação responsável do agente pelo seu próprio ato, e o caráter responsivo a outros sujeitos que estão envolvidos neste ato. Nesse direcionamento, Sobral (2009, p. 54) afirma que, segundo o Círculo,

(...) o sujeito é essencialmente um agente responsável pelo que faz, agente que, em suas relações sociais e históricas com outros sujeitos igualmente responsáveis (inclusive apesar de si mesmos), constitui a própria sociedade sem a qual ele mesmo não existe. (SOBRAL, 2009, p. 54).

O sujeito, dessa forma, constitui um agente mediador entre os sentidos socialmente possíveis e os discursos produzidos em situações concretas. Desse modo, unem-se o individual e o social. O sujeito pretende ser entendido pelo outro, porém, para isso, tem que considerar este outro, porque depende dele para ser reconhecido, ou seja, para se constituir socialmente.

Por este viés discursivo, faz-se importante também destacar que a realidade do sujeito se apresenta como um mundo de vozes sociais em diversas relações dialógicas: “relação de aceitação e recusa, de convergência e divergência, de harmonia e de conflitos, de intersecções e hibridizações.” (FARACO, 2009, p. 80). É nessas condições de produção de suas enunciações que o sujeito vai se formando discursivamente, pois vai apreendendo as vozes sociais, bem como suas inter-relações dialógicas.

Considerações finais

Analisar a linguagem sob prisma dialógico é enigmático, ao mesmo tempo em que estamos imersos em uma rede teórico-metodológica

complexa e densa, deparamo-nos com seu inesgotamento, pois a todo o tempo se atualiza, a linguagem é viva, dinâmica.

Através do percurso que fizemos sobre as concepções de linguagem que se desenvolveram ao longo do tempo, é notória a diferença com que a concebe o princípio dialógico, uma vez que não a engessa como instrumento externo ao indivíduo, nem a idealiza como expressão do pensar. Pelo contrário: a linguagem é dinâmica, interativa, inerente ao indivíduo social, e, portanto, dialógica.

A palavra, enquanto signo ideológico, possui orientação dialógica, sempre tem um direcionamento, e assim se insere na arena discursiva. Por possuir esse caráter, sempre que é lançada, dirigida a alguém (enunciação), constitui-se como meio de interação, pela qual se estabelece a produção de efeitos de sentidos entre interlocutores. Por sua vez, o sujeito do discurso, ao ocupar um lugar social a partir de onde enuncia, e é perpassado por forças que o conduzem, mas que o constituem. Na medida em que se constitui um agente mediador entre os sentidos socialmente possíveis, este constitui seu(s) outro(s) através dos discursos que produz, em situações concretas.

Acreditamos ter cumprido aqui, os propósitos aos quais nos propomos: o de analisar como Bakhtin e o círculo tece os fundamentos para o princípio dialógico da linguagem e a identidade do sujeito, tanto em bases filosófica (Bakhtin) quanto sociológica (VOLÓCHINOV e Medviédev). Então, prestando um efeito de acabamento, que não esgota em nossas palavras, enfatizamos que, é por meio dessa linguagem dialógica que o sujeito se identifica, pois, ao enunciar e obter réplicas, tanto é perpassado por forças que geram modificações, quanto por outras que conferenciam a identidade de si consigo. Eis a identidade alteritária por meio da palavra dialógica, a singularidade na universalidade na potencialidade do discurso.

Referências

BAKHTIN, Mikhail M. *Estética da Criação Verbal*. [tradução feita a partir do russo; tradução Paulo Bezerra]. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006 [1979].

_____. *Para uma filosofia do ato*. Tradução não revisada para fins de uso didático e acadêmico. Trad: Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza, 1993 [1920-1924].

_____. O discurso na Poesia e o discurso no Romance 2010 [1934-1935]. in: *Questões de literatura e de estética - A Teoria do Romance*. Equipe de tradução (do russo) Aurora Fornoni Bernardini; José Pereira Júnior; Augusto Góes Júnior; Helena Spryndis Nazário; Homero Freitas de Andrade. 6ª edição. Editora Hucitec- São Paulo, 2010.

BURNS, Edward Mcnall. *História da Civilização Ocidental – do homem das cavernas até a bomba atômica*. – Tradução de Lourival Gomes Machado, Lourdes Santos Machado, e Leonel Vallandro. – 2ª edição, volume 1. Editora Globo, Rio de Janeiro, 1979.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola, 2009.

_____. *Aspectos do pensamento estético de Bakhtin e seus pares*. Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 46, n. 1, p.21-26, jan./mar. 2011.

FRANCELINO, Pedro Farias. *A autoria no gênero discursivo aula: uma abordagem enunciativa*. Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, Orientadora: Prof.ª Dr.ª Dóris de Arruda C. da Cunha. Área de Concentração em Linguística, como requisito para a obtenção do grau de Doutor em Linguística. Recife, 2007.

MEDVIÉDEV, Pável Nikoláievitch. *O Método Formal nos estudos literários: introdução a uma poética sociológica*. Tradutoras: Sheila Camargo Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Contexto, 2012 [1928].

PERFEITO, A. M. Concepções de linguagem, teorias subjacentes e ensino de língua portuguesa. In: *Concepções de linguagem e ensino de língua portuguesa* (Formação de professores EAD 18), v. 1. ed. 1. Maringá: EDUEM, 2005. p. 27-75.

SILVA, M. M.; COX, M. I. P. *As linhas mestras do novo paradigma de ensino de língua materna*. Polifonia, Cuiabá, n. 5, p. 27-48, 2002.

SOBRAL, Adail. *Do dialogismo ao gênero: as bases do pensamento do círculo de Bakhtin*. Campinas: Mercado de Letras, 2009.

TRAVAGLIA, L. C. Concepções de linguagem. In: _____. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus*. São Paulo: Cortez, 1996.

VOLÓCHINOV, V. N. Estrutura do enunciado. Tradução de Ana Vaz, para fins didáticos. 1930, com base na tradução francesa de Tzvetan Todorov (“La structure de l’énoncé, 1930). In: TODOROV, T. *Mikhail Bakhtine: le principe dialogique*. Paris: Seuil, 2005 [1930], p. 287-316.

_____. (círculo de Bakhtin). *Marxismo e filosofia da linguagem - Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo – Ensaio introdutório de Sheila Grillo. 1ª ed. São Paulo: Editora 34, 2017 [1929].

Submissão: 18 de agosto de 2018

Aceite: 11 de dezembro de 2018